Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento Teoria Literária – TEL

Otavio Coelho Alves Batista

QUARTO DE DESPEJO; DIÁRIO DE UMA FAVELADA: CONTRADIÇÕES ENTRE A HISTÓRIA OFICIAL E A REALIDADE DA POPULAÇÃO MARGINADA

Brasília - DF 2022

Otavio Coelho Alves Batista

Otavio Coelho Alves Batista

QUARTO DE DESPEJO; DIÁRIO DE UMA FAVELADA: CONTRADIÇÕES ENTRE A HISTÓRIA OFICIAL E A REALIDADE DA POPULAÇÃO MARGINADA

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciatura em Letras - Português, pela Universidade de Brasilia - UnB
Orientador: Prof.º Dr. Danglei de Castro Pereira

Brasília - DF

2022

Agradecimento

Agradeço aos meus pais e irmãos, Maria Isabel, Ozeas e Olavo e Orlando, que acompanharam a minha jornada acadêmica de perto e deram muito apoio na universidade. Agradeço pela incansável dedicação e confiança nessa trajetória da minha vida.

Agradeço aos meus professores e colegas, que acompanharam a minha jornada acadêmica de perto e deram muito apoio em sala de aula e nas tarefas da vida acadêmica. Obrigado pela incansável dedicação e confiança nessa jornada da minha vida.

Resumo

O trabalho tem como intuito apresentar o olhar da escritora Carolina Maria de Jesus enquanto moradora de uma favela e marginalizado do sistema capitalista que se encontrava em pleno desenvolvimento e expansão, ao escrever o seu livro Quarto de despejo (1960), exploraremos a riqueza de sua obra que traz uma visão de uma pessoa que vive a extrema pobreza e toda a marginalização de uma pessoa que se encontra à margem da sociedade de sua época. Iremos analisar e contextualizar os escritos de dela com o período histórico, explorando os aspectos políticos, sociais e econômicos da sociedade brasileira na década de 50, como foi apresentado pela história e como realmente era sentido pela população carente o vivenciou. Com isso, pretende-se alcançar um olhar analítico do Diário, evidenciando a importância da obra na reconstrução da história e o entendimento da transformação que a sociedade vivenciava naquela época. Principalmente as contradições entre a história oficial, contado nos livros escolares e anuários econômicos, que nos passa somente imagem de progresso e prosperidade, mas que nunca demonstrou o lado do morador da periferia esquecido de ser colocado na equação do progresso vivido pelo país. Portanto, pretende-se ter uma melhor compreensão de como a história nos é passado e a visão da população sobre com ela realmente ocorreu.
Palavra-chave: Contexto histórico, diário, pobreza e Carolina Maria de Jesus.

Súmario

1-INTRODUÇÃO **6**

2- Análise do contexto histórico, político, social e econômico: situação quarto de despejo. **8**

2.1 Getúlio Vargas 9

2.2 JUSCELINO KUBITSCHEK 11

2.3 Jânio Quadros 14

3 - Situação da escritora no panorama nacional **15**

3.1 Visões sobre a cultura política 16

4 - Diário **18**

4.1 - Literatura com denúncia social 19

4.2- Literatura e confronto com a realidade 22

5- Considerações finais **25**

1-INTRODUÇÃO

A vivência de carência e privações decorrentes de miséria e pobreza acompanha a história humana. Seria razoável considerar a pobreza com certa naturalidade se a capacidade de produção fosse bastante limitada, contudo não é o caso. Atualmente, a sociedade consegue produzir bens e riqueza suficiente para atender toda sua necessidade, porém não consegue distribuir a riqueza e os bens para todas as pessoas. Com isso, a miséria persiste na sociedade atual provocando falta dos itens básicos de sobrevivência como moradia, vestuário, alimentação entre outros.

O nosso país concentra no seu território a contradição social contemporânea expressa pela enorme desigualdade, além de uma enorme variedade de características e origens históricas da pobreza - migração rural, processo de urbanização típico de países subdesenvolvidos – que se interagem para a construção do cenário de pobreza vigente nele.

Com propósito de expor seus pensamentos, que tanto pessoas comuns como personalidade políticas, adotam o hábito de escrever: expressar em palavras sentimentos, acontecimentos do dia a dia, pensamentos íntimos, registros históricos e em algumas situações relacioná-los, algumas características de um diário. Ao observar o livro Quarto de despejo (1960) de Carolina de Jesus que compreende os anos de 1955 a 1960, um período marcado pelo governo Juscelino Kubitschek e o plano nacional de desenvolvimento e modernização (Cinquenta anos em Cinco) e a construção da nova capital do país (Brasília).

Objetivamos construir uma relação entre os aspectos históricos, políticos, sociais e econômicos do período que o país vivia e as perspectivas de autora Carolina com as suas contradições à história oficial divulgada nos meios de

comunicação oficial do governo. Demonstrar ainda a visão da autora que se refere a tudo o que envolve o seu contexto: a falta de políticas sociais em comparação ao grande incentivo governamental ao desenvolvimento econômico e industrial do país e sua consequência para a população mais carente do país. Por fim, munindo dos dados econômicos da época e os dados históricos realizar uma comparação entre as informações divulgadas pelo governo federal e o relato da escritora.

Pretende ainda explorar a visão política da escritora em relação ao seu meio social e moradora de uma favela “quarto de despejo” em relação ao restante da população mais abastada da cidade ou em suas palavras “as pessoas da sala de visita”. Assim, como os sentimentos da população vividos pela população em rico social como: fome, esquecimento e falta de políticas sociais voltado para essa população marginalizada da sociedade.

Segundo José Sebe Bom Meihy (1994) é na fome e na luta cotidiana para sobrevivência dela e sua família que está o foco do seu relato, e é sobre essa ótica que este trabalho pretende explora o tema do livro.

> [...] Esfomeada e em luta constante para conseguir comida para a sua familia, aluta pela sobrevivência era – e sempre foi – o eixo principal da argumentação de Carolina. Nem o racismo, nem sua condição de mulher predominava. (MEIHY, LEVINE, 1994, P.33)

Com iremos observar no segundo capítulo, um relato autobiográfico, como no caso diário, não se constrói exatamente dentro da verdade e sim também com a percepção que a escritora tem de verdade, ainda assim, em tal obra, podemos considerar que temos um relato verdadeiro do cotidiano de um cidadão marginalizado pela sociedade. Observa as impressões da escritora da sua própria história com seus sentimentos antagônicos e sua observação do mundo que rodeia ela. No diário vemos a procura exaustiva da escritora para colocar comida na mesa da sua família, enquanto o governo propagava um crescimento econômico e um progresso, contudo esse crescimento ficou restrito para alguns seguimentos da sociedade levando a exclusão de uma grande parcela pobre e marginalizada dos ganhos econômicos e sociais desse período.

2- Análise do contexto histórico, político, social e econômico: situação quarto de despejo.

> A desigualdade torna uma experiência natural não se apresenta aos olhos da nossa sociedade como um artifício. No entanto, trata-se de um artifício, de uma máquina, de um produto de cultura que resulta de um acordo social excludente, que não reconhece a cidadania para todos, onde a cidadania dos incluídos é distinta da dos excluídos e, em decorrência, também são distintos os direitos, as oportunidades e os horizontes (HENRIQUES, 2000, P. 2-3)

Na década de 1950, a questão da pobreza fez-se presente na política brasileira, de forma institucionalizada que atualmente, mas inextricavelmente atrelada à questão do desenvolvimento econômico.

Nesse ponto será apontado alguns elementos políticos, sociais e econômicos que o país vivia, logos estes fatores se correlacionam com os relatos da escritora. Embora no período o presidente era Juscelino Kubitschek, o país vivia uma evolução e modificações profundas na sua economia, serviços públicos e sociais que eram reflexos do governo atual e governos anteriores. Pretendo contextualizar o livro Quarto de Despejo (1960) em seu período histórico, político, econômico e social.

Em agosto de 1954, na iminência de um golpe de estado, o Presidente Getúlio Vargas se suicidou. A figura de Getúlio Vargas ficou gravada no imaginário da população com “pai dos pobres”, pela legislação trabalhista e políticas sociais adotadas sob seu governo.

Jânio Quadros, então prefeito da cidade de São Paulo, é figura não menos importante na vida da escritora, porque a sua política social de desenvolvimento da capital levou consequências diretas a Carolina e outras pessoas ao seu redor. Essas consequências são detalhadas na obra da escritora.

A obra “Quarto de despejo” só pode ser compreendida se o leitor tiver uma compreensão profunda das transformações econômicas e sociais que a sociedade

brasileira passava na época e como o livro da escritora têm papel crucial para compreender um lado da história não contato ou esquecido pela sociedade dominante na época.

2.1 Getúlio Vargas

> "a era de ouro foi um fenômeno mundial, embora a riqueza geral jamais chegasse à vista da maioria da população" (HOBSBAWM, 2008, P.255).

Getúlio Dornelles Vargas já era um dos políticos de maior influência na história do Brasil quando retornou à presidência pelas eleições de 1950 "nos braços do povo", como afirmou em sua própria carta-testamento.Ele foi eleito com quase 49% dos votos, diferente do ocorrido em seu primeiro mandato (1930 a 1945) e trazendo importantes iniciativas nas áreas sociais e econômica.

O segundo governo de Vargas foi democrático e ele tentou governar dentro dos limites constitucionais. Entretanto, a oposição da União Democrática Nacional (UDN) fez com que esse período ficasse marcado por crises políticas.

Nesse governo, Vargas procurou defender uma política econômica nacionalista que dava prioridade para que a exploração dos recursos nacionais fosse realizada por empresas estatais e que o capital estrangeiro tivesse reduzida influência. Com isso, foram criadas uma série de empresas nacionais para a exploração dos recursos naturais e transformação de minérios. Podemos citar por exemplo: Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda e a Companhia Nacional de Álcalis em 1943, a Companhia do Vale do Rio Doce em 1942, a Petrobrás em 1953 e a Eletrobrás em 1961.

Para dar um noção da transformação que o país passava, Fonseca (1999) utilizou os termos "corporativismo e industrialização" ao estudar o período do Estado Novo, porque além de empresas estatais foram criados vários órgãos de administração e política econômica. Por exemplo: Conselho Nacional do Petróleo, Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo Fonseca (2003), a política de Vargas era intencionalmente industrializante, haja vista tais mudanças efetivamente implementadas, ao lado de acordos comerciais, políticas de crédito e discursos em

tom afirmativo da relevância da industrialização e da regulamentação do mercado de trabalho para o desenvolvimento social.

Também tentou se aproximar dos trabalhadores como forma de garantir sustentação ao seu governo. Criando uma série de políticas sociais como a criação da carteira de trabalho, regulamentou a condição do trabalho feminino, criação da justiça do trabalho e o salário mínimo foi regulamentado.

O país viveu um momento de rápida modernização, fazendo com que houvesse nessa época migrações internas, trazendo a população do campo para os centros urbanos. Havia uma busca de oportunidades de melhorar a condição de vida nesse momento. Esse movimento de migração do campo para cidade fez surgir um novo processo de ocupação do espaço público conhecido com favelização. Esse processo pode ser definido com início de construções de moradias localizadas em áreas impróprias, que foram sendo levantadas ao longo dos processos de urbanização na história, decorrente de diversos fatoras. Dentre eles a falta de acesso a moradias, questões econômicas entre outras.

> A respeito da criação desse documento Vera Eunice vai dizer que graças a carteira de trabalho foi possível internar seu irmão João “Como ele mandou tirar todos os documentos, carteira profissional [...] não era difícil interná-lo em um hospital quando a situação piorava (MEIHY; LEVINE, 1994 P.85).

Getúlio era visto com um político que se preocupava com a camada menos favorecida da sociedade (pobres), como pode ser demonstrado pela Dona Maria Puerta, a vizinha da escritora na favela.

Nossa família começou a torcer por um político a partir do governo do Vargas. Ele foi o “pai dos pobres” no Brasil, até a sua morte. Nós estávamos na favela quando chegou a notícia do suicídio, e sentimos tanta tristeza que parecia morte de parente. Todo mundo chorando, meus filhos, os vizinhos (MEIHY, LEVNE, 1994, p.110).

Isso não significa que se tratasse de um governo primordialmente popular; se fosse possível sintetizar em uma palavra, seria desenvolvimentista. No entanto, o presidente efetivamente adotara medidas que favoreceram a condição social do trabalhador pobre e reforçava persistentemente nos discursos a responsabilidade do governo - além do seu comprometimento pessoal - com as questões sociais. Depois

de Vargas não seria mais possível governar sem reconhecer a pobreza como um problema nacional, de cuja responsabilidade o governo não poderia se isentar.

2.2 JUSCELINO KUBITSCHEK

Juscelino Kubitschek de Oliveira nasceu em uma família humilde de Diamantina, Minas Gerais. O pai era caixeiro-viajante e a mãe, professora. As dificuldades econômicas foram decorrentes principalmente da morte do pai quando ele tinha apenas 3 anos. Ele e a irmã mais nova foram criados pela mãe, que os incentivou a prosseguir nos estudos. Aproveitou uma das únicas oportunidades de estudo acessíveis às famílias pobres: foi para o seminário aprovado em um concurso público para telegrafista em Belo Horizonte, conseguiu custear a faculdade de medicina. Nessa cidade conheceu sua esposa, cujo pai tinha influência na política mineira. Depois de formado, fez uma especialização e estagiou na Europa. No retorno, atuou na Revolução Constitucionalista como médico e, depois do conflito, se candidatou a deputado federal, vencendo com ampla margem de votos. Porém, foi cassado por Getúlio Vargas em 1937, logo no início do Estado Novo. Voltou como prefeito de Belo Horizonte em 1940 e assumiu como governador de Minas Gerais em 1951 e finalmente como presidente da República em 1956.

No livro Quarto do despejo da escritora Carolina vemos várias passagens que a escritora se refere ao presidente Juscelino. O motivo de observamos trechos dedicados ao presidente Juscelino se dá porque a obra se passa neste período. Outro ponto que podemos observar ao ler o diário é a falta de políticas públicas voltadas para as camadas mais simples da população. Essa falta de políticas públicas vem na contramão do grande desenvolvimento econômico que o país vivia naquela época.

Segundo Rodrigues (2017), Juscelino Kubitschek assumiu a presidência do Brasil em 1956, recebendo das mãos de Nereu Ramos, durante intervenção militar, pois havia suspeita de uma tentativa de Golpe após a morte de Getúlio Vargas e os militares intervieram para garantir a próxima eleição.

[...] sucedido pelo presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz. No entanto, o ministro da Guerra, marechal Henrique Lott, destituiu-o, pois considerou Carlos Luz uma ameaça à sucessão presidencial de Juscelino. Desse modo, assumiu o cargo, Nereu Ramos, que tentou assegurar a Café Filho a restituição do cargo. Contudo, Lott inviabilizou o retorno de Café Filho. (RODRIGUES, 2017, s.p.)

Logo depois da sua posse, em 31 de janeiro de 1956, colocou fim ao estado de sítio. O estado de sítio consta na Lei nº 2.654 de 1955. Ela é um instrumento emergencial que pode ser utilizado pelo chefe de Estado para suspender apenas por período temporário vários direitos previstos na Constituição. Por exemplo, ela dá maiores poderes para o exército e polícia para que obriguem as pessoas a permanecerem em suas casas e suspender a liberdade de reunião entre as pessoas, entre outros direitos.

O Plano de Metas representou o esforço do governo pela industrialização no Brasil, JK percebeu a possibilidade de continuar o desenvolvimento do pais iniciado nos governos anteriores promovendo o crescimento da nação de maneira acelerado. Diante do estágio avançado do processo de substituição de importações, além de continuar investindo na indústria de bens de capital e em infraestrutura, JK conduziu uma política econômica extremamente favorável às indústrias de bens de consumo duráveis. ainda que esses setores tenham sido centrais, o Plano de Metas também previa medidas nas áreas energéticas, de transporte, alimentação e educação.

De 1956 a 61, o crescimento econômico alcançou boa parte dos objetivos do Plano de Metas. Foram contemplados 76% dos objetivos no setor de produção de petróleo; 78% na produção de carros e caminhões; 82% em energia elétrica e 138% na construção de rodovias. outros setores, porém, ficaram para trás: a construção de ferrovias bateu somente 32% das metas; o refino de petróleo 26% e a produção de carvão 23% (ORENSTEIN e SOCHACZEWSKI, 1995, P.180). Mas as desigualdades sociais se aprofundaram com a piora na distribuição dos recursos do rápido crescimento (LESSA, 1982).

Com seu ambicioso plano de governo e o seu lema de governo “cinquenta anos em cinco’, com 31 metas, que previa um acelerado crescimento dos setores mais importantes para a economia nacional. O plano foi composto por 5 eixos. Entre

eles podemos citar transporte, energia, indústria de base, alimentação e educação. Cada eixo era composto por várias metas derivados do eixo principal. Contudo, ao observar a destinação de recursos público e privados vimos que os eixos energia, transporte e indústria de base receberam 93% dos recursos alocados. Essa porcentagem demonstra a prioridade do então governo no investimento para desenvolvimento econômico do país em detrimento aos outros setores mais ligados ao social.

O slogan do governo JK “cinquenta anos em cinco” foi uma excelente promessa de desenvolvimento do país. Essa promessa foi cumprida em parte, porque se observarmos os fatores de desenvolvimento econômico, crescimento do PIB, aumento da exportação e geração de emprego o plano foi bem sucedido, porém se colocarmos uma lupa para os fatores sociais vimos um fracasso nessa área. Com isso, a população se sentia atraída pela promessa de riqueza e desenvolvimento econômico provocando uma das maiores migrações internas observadas no século XX. Esse deslocamento populacional das pessoas do interior para as grandes cidades provocaram o surgimento e agravamento do processo de favelização dos grandes centros urbanos como: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e outros.

Esse período foi marcado por uma mudança na estrutura da sociedade brasileira. Até então a nossa sociedade era predominantemente agrária com a implementação da política de desenvolvimento de JK as pessoas se mudaram para a cidade provocando uma predominância dos centros urbanos em relação aos interiores do país.

2.3 Jânio Quadros

Saindo de um quadro mais macro da situação econômica e social vivido pelo país na época. Vamos focar para a realidade da cidade que Carolina vivia, São Paulo. Como o plano de desenvolvimento do então prefeito da cidade afetou diretamente ela colaborando para que tivesse material para escrever o seu diário.

Jânio Quadros assumiu a prefeitura em 1953. O seu primeiro ato em frente a prefeitura foi a demissão de uma grande massa de servidores públicos. Com esse ato ele almejava alcançar uma gestão moralizadora na prefeitura.

O Estado de São Paulo foi o mais beneficiado pelo Plano de Metas de JK. O forte investimento no desenvolvimento da indústria de base pelo governo federal e a liberação de crédito para os industriais do Estado permitiu um rápido crescimento da indústria no Estado. Esse crescimento favoreceu uma ampliação da arrecadação de impostos permitindo um saneamento das contas públicas do Estado.

Outro ponto que o plano de metas de JK junto com a política de desenvolvimentista implanto pelo Estado de São Paulo foi permitir a ampliação da sua malha rodoviária do Estado, implantação de hidrelétricas e aumento da rede de saneamento básico. Contudo, esses avanços na infraestrutura não foram observados nas favelas.

> Representa a voz que foi sufocada durante anos por todos aqueles que ficaram a enxergar apenas o lado positivo dos anos cinquenta e esquecendo que o chamado desenvolvimentismo também gerou um lado negativo, que endividou durante anos o país, causando miséria e desigualdade social. Quarto de despejo é a outra face do desenvolvimentismo de JK: o lado feio, sujo, pobre e esquecido pelo Brasil. (SILVA, 2013, p. 9).

A escrita não deixou essa contradição passar em branco na sua observação do cotidiano. Apesar de ser uma mulher de pouco estudo, ela tinha uma visão social muito acusada, permitindo relato da contradição do desenvolvimento da economia e seu atraso social e da falta de uma qualidade de vida prometida na época.

3 - Situação da escritora no panorama nacional

Carolina Maria de Jesus migra para São Paulo, por volta de 1937, num momento em que se acelera a industrialização, sob os impactos da Revolução de 1930. O desenvolvimento industrial amparou-se na larga oferta de mão de obra barata, composta por esses migrantes, que garantia o baixo custo de produção e as

altas taxas de exploração do trabalho. Esse processo caminhou para um acirramento das desigualdades e tornou os centros urbanos palcos dos grandes conflitos sociais e dilemas enfrentados no país.

O problema da favela e da informalidade do trabalho, exercido por partes da população que ficava nas bordas do sistema, vivendo de bicos e improvisações, está ligado, portanto, ao tipo de urbanização vivido naquele momento.

Assim, o uso dos barracões, reduzindo os gastos com moradia, e a prestação de serviços braçais, como os de catadores de papel, exercida por Carolina, e outros serviços que se caracterizariam como trabalho informal, constituem parte importante de um processo de acumulação que exterioriza os custos da produção, garantindo altos índices de acumulação.

Observa-se que as favelas paulistas se formam na dialética com o processo de industrialização, constituindo-se num dos efeitos que Lucio Kowarick chamou de espoliação urbana, processo que reforça as desigualdades e a exploração das classes trabalhadoras. Com a cidade em expansão, a especulação imobiliária promovia a valorização dos terrenos próximos a regiões centrais, onde havia empregos, prestação de serviços como água, eletricidade e esgoto. Aos trabalhadores mais pobres, restavam os terrenos mais afastados da cidade. Com a pressão populacional oriunda da migração, deu-se a formação de favela nas periferias de São Paulo (KOWARICK, 1993, p.41).

O relato de Carolina traz as marcas do processo histórico vinculado a esta etapa de modernização que tem São Paulo como epicentro da industrialização. Revelando o cotidiano dessas camadas populares, em sua maioria migrantes que foram tentar a vida na cidade grande, sua escrita através de suas andanças, inquietações e constante esforço de entender essa realidade. Explora os recursos disponíveis, cada vez mais escassos e disputados, em meio aos espaços segregados, preconceitos, relações sociais conflituosas.

Percebe-se que o impacto do livro se deu, em grande parte, pelo ineditismo da forma com que o drama da favela era apresentado e pela autenticidade de um testemunho único advindo de dentro da favela. A visão sobre a favela até a década de 1970 era de que o problema poderia ser resolvido com a remoção das comunidades para área periféricas da cidade. a favela seria “ uma doença a ser

erradicada, a causa de um problema, e não uma consequência de problemas sociais mais amplos como desigualdade de renda, êxodo rural, o subemprego e outro' (AMARAL, 2003, p.79)

3.1 Visões sobre a cultura política

Além das transformações econômicas, o período entre 1945 e 1964 é de intensa transformação no tocante à ampliação da participação política e da cidadania: 'foi um fase de ampliação das práticas democráticas e de crescimento da inserção da sociedade civil no mundo da política institucional" (DELGADO, 2010, p.151). Ela atravessou o Estado Novo e a transição democrática. Suas concepções sobre a política são influenciadas pelos vários discursos e tradições com os quais conviveu no mundo dinâmico da cidade.

Há uma preocupação constante em discutir temas referentes à situação política e econômica que afetam a sociedade: a situação do trabalhador, o custo de vida, a política, o comunismo, a revolução, a democracia são assuntos constantes, seja em suas reflexões, seja em suas interações com os demais sujeitos da cidade.

Ela critica os governantes pela situação da população trabalhadora, especialmente naquilo que atinge mais diretamente a ela e a sua família: a fome e os preços das mercadorias. Ela revolta-se: "Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades cortam o afeto do povo com os políticos" (JESUS, 1990, p.34).

Dialogando com trabalhadores, estudantes, donas de casa, pequenos comerciantes, e contato com reportagens dos jornais. Carolina traz à tona uma profusão de discurso, dialogando com as diversas opiniões e informações que consegue recolher, para refletir acerca dos problemas sociais com que convive. O aumento dos preços, frutos da ineficiência dos governantes, é o principal fator que impactou no cotidiano dessa população, que conta com recursos limitados contabilizados a cada dia. Com isso, a sua visão política foi sendo construída através de seu diálogo com outros sujeitos da sociedade e os desafios econômicos da época.

> Fiquei pensando nas palavras do preto que deu os 5 cruzeiros para Vera. Que os paulistanos estão errados que a greve deve ser geral. Combater os

> preços dos gêneros que nos o prime. Que não é só a C.M.T.C (empresa de transporte coletivo) que explora o povo, o expoliamento é geral (JESUS, 1996, p.37).

A agitação da população, o burburinho dentro das conduções, os comentários nas ruas constituem o pano de fundo para discutir os aspectos políticos do país. A sensação de opressão do sistema econômico, como o aumento no preço dos gênero básico imprescindíveis para a sobrevivência. Justamente o período em que se intensifica a modernização do país aparece, em sua experiência, como um momento de decadência: "o retorno ao primitivismo" para os favelados (JESUS, 1960, P.38), já que os favelados precisam recorrer à tática da coleta e reaproveitamento dos bens, práticas que não condiz com a lógica de mercado, e sim que remete a um modo de vida anterior ao mundo moderno. As dificuldades econômicas estariam levando ao fim das festas da favela: "1957,1958, a vida foi ficando causticante. Já sobra dinheiro pra eles compra pinga. As batucadas foram cortando-se até extinguir-se"(JESUS, 1960, P. 37-38).

O diário é produzido no auge da política desenvolvida, durante o governo JK. Este vira o alvo implacável da autora. Para ela, Kubistchek 'tem um nome esquisito que o povo sabe falar, mas não escrever". O relato do diário confirma a análise histórica e econômica sobre o período. Informa que o governo promove uma política inflacionária, a qual se soma à entrada de capitais estrangeiros para financiar seu plano de metas (MOREIRA, 2010, p. 171). O peso dessa inflação é o problema do "custo de vida" recorrente nos escritos de Carolina. Sua fala condena a falta de ação efetiva dos governantes. No caso de JK, muitas vezes, tem apenas discursos demagógicos: 'o que o Juscelino tem de aproveitável é a voz", agradável aos ouvidos", sem resultado, de fato, na melhoria de vida da população.

4 - Diário

A origem da palavra diário vem do latim diarium e significa "registro escrito de memória que se faz a cada dia" (HOUAISS, 2020). Lejeune (2014, p. 299) define o gênero diário como "[...] uma escrita cotidiana: uma série de vestígios datados." Ao

mesclar a origem do vocábulo como a definição do gênero informa que a datação é fundamental na escrita das páginas do diário.

Segundo Silva (2016) informa no seu trabalho, o gênero autobiográfico foi reconhecido como gênero literário recentemente. Esse gênero suporta vários tipos de escritas como, cartas, memórias e diários. Silva (2016) nos informa que [...] havendo o predomínio de uma dimensão literária, essa e outras formas de ‘escrita do eu’, como o diário deve ser reconhecido como literatura.

Esse gênero tem na sua tipologia a estrutura da narração é formado por uma expressão subjetiva muito importante para o gênero. O escritor usa essa modalidade de gênero para narrar a sua frustração do cotidiano, acontecimentos marcantes, as necessidades do seu dia a dia. Com isso, a escritora escreve nas páginas do diário seus sentimentos em relação ao mundo que a rodeia e às pessoas do seu convívio. A escritora usa esse gênero como uma forma de desabafo da realidade que a cerca.

Assim, consideramos o livro Quarto do despejo como autobiográfico, na medida que, conforme nos define Viana (1995), o gênero autobiográfico não possui forma fixa, mas coincidem autor, narrador e personagem. Apesar da definição ambígua ele tem a possibilidade de expor as fraturas entre o real e o ficcional. Essa ambiguidade e usada para aumentar ou diminuir alguns eventos ou não demostra alguma coisa.

A ferramenta de ocultar alguma informação foi usada pela escritora Carolina ao não informar no seu diário o nome do pai da sua filha caçula. Ao longo de toda obra ela não informa o nome do genitor de sua filha e deixa clara que possui motivos para não informar o motivo dessa ocultação de informação.

Com isso, o leitor tem uma forma de compreender a vida da escritora por meio do seu olhar do cotidiano ao ler os seus relatos e histórias. Tem uma visão macro da situação do seu cotidiano e como ela lidava com os desafios e os conflitos.

A obra Quarto de despejo se enquadra numa escrita pessoal da escritora Carolina Maria de Jesus. Uma escritora catadora de materiais recicláveis que descreve seu cotidiano de mulher trabalhadora, negra, pobre e mãe solteira e moradora da favela do Canindé em São Paulo. Na sua obra ela expõe o cotidiano de sua vida e do lugar que vive.

> [...] 2 de maio:... ontem, eu comprei açúcar e bananas. Os meus filhos comeram bananas com açucar, porque não tinha gordura para fazer comida. Pesei no senhor Tomás que suicidou-se. Mas, se os pobres do Brasil resolver suicidar-se porque estão passando fome, não ficaria nenhum vivo.

Santos e Souza (s.d., p. 303), por sua vez, afirma que a obra "Quarto de Despejo: diário de uma favelada" apresenta uma ótica que rompe com os aspectos tradicionalmente estabelecidos na produção literária nacional. Assim, "o texto, escrito pela catadora de lixo Carolina Maria de Jesus, aponta para a forma como a sociedade brasileira da década de 50 é retratada, sob a perspectiva de uma mulher pobre e negra, cuja formação escolar não ultrapassa o segundo ano da educação primária" (SANTOS; SOUZA, S.D., P. 303)

4.1 - Literatura com denúncia social

Nesse ponto devemos informar como os direitos sociais surgiram na sociedade moderna. Eles surgiram em função do tratamento desumano que eram submetidos a classe trabalhadora na época da revolução industrial na Europa. O cerne dessa revolução foi a substituição do então trabalho manual pela produção em escala industrial com o uso de máquina. Com a mudança das relações de trabalho os trabalhadores foram submetidos a logos períodos de trabalho e baixa remuneração pelos seus serviços.

Esses ingredientes junto com a insatisfação dos operariados fizeram surgir uma série de movimentos que lutavam por melhores condições de vida para os trabalhadores. As principais conquistas dos direitos sociais foram obtidas ao longo do século XIX e XX. Entre os países pioneiros em garantir os direitos sociais no seu ordenamento jurídico podemos citar a constituição Política dos Estados Unidos Mexicanos de 1917 a constituição Russa e Alemã de 1919 e por fim a declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948.

Já no Brasil os direitos sociais só tiverem uma elevação do seu ordenamento jurídico com a Constituição Federal de 1988, onde são os direitos e garantias fundamentais e a ordem social. No artigo 6°, a constituição prevê:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à

maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

Se olharmos atentamente para o Quarto de Despejo, não veremos apenas o direito à moradia violado, mas também a falta de dignidade humana, a negligência do Estado diante dos mais necessitados – os sem tetos, os desempregados, os sem acesso à educação formal – que lutam diariamente tentando fugir da massificação da desigualdade social.

O lapso temporal e o projeto de desenvolvimentista implementado no país até a chamada constituição cidadã mostra o pequeno apreço que os governantes tinham na formulação de políticas públicas voltadas para a área social. Na década de 50 que o país tentava alcançar maiores níveis de desenvolvimento econômico, não era colocado na pauta pontos importantes como o desenvolvimento social da nação.

Essa falta de políticas públicas sociais mais efetivas pode ser vista na atualidade. De acordo com o último Censo IBGE de 2010, 1.28 milhão de pessoas moram nas favelas de São Paulo. Um terço é originário de outros Estados. Parece um problema atual, mas nos anos 50, a escritora Carolina moradora da favela do Canindé, já se enquadraria nessa estatística. Ela descreve no seu livro a vida cotidiana de uma catadora de papel, mãe solteira, moradora de favela e migrante.

A literatura pode ser usada coo instrumento para realização de denúncia social. Podemos citar alguns escritores que realizaram esse importante papel da literatura nas suas obras. Entre eles então Castro Alves, Aluísio de Azevedo, Graciliano Ramos e Carolina Maria de Jesus. Segundo o consagrado crítico Antonio Candido no seu texto O direito à literatura, “[...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrições dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual.” (2004, p. 186).

Essa função pode ser vista no livro Quarto do despejo. Um diário que foi escrito principalmente no governo do então presidente Juscelino Kubitschek. Do famoso slogan “50 anos em 5” que objetivava transformar a nação agrária num país industrial por meio do seu “plano de metas”. Ela escreveu num período de grandes transformações da história brasileira num cenário de transformação acelerado que o

país vivia. A sua escrita não pode ser esquecida como uma grande contribuição para a compreensão do cenário transformador que o país vivia.

Devemos lembrar que na década de 1950 a educação no Brasil era privilégio de uma pequena parte da população. A população mais carente não tinha acesso à rede básica de ensino a não ser se tivesse um benfeitor.

O Censo de 1940 deixou isso mais que claro, ao revelar que a taxa de analfabetismo do país batia em 56,17% da população com idade superior a 15 anos. No final do governo JK, em 1960, registrava-se uma porcentagem de 39,35% de analfabetismo entre essa mesma faixa populacional". (BOMENY, CPDOC, 2017, s.p.).

A discussão social que permeia a obra foi escrita com base no vivido. Todo realismo que a autora retrata tem por objetivo denunciar a realidade amarga e repleta de privações em que os pobres, marginalizados, vivem com ela. Em condições muito vezes desumanas, como ter que catar comida podre do lixo para comer e não morrer de fome. Com esta reflexão, evidenciamos a falta de ações governamentais aos invisíveis sociais, os diários denunciam as condições precárias vivenciadas por aqueles que moravam nas favelas. A literatura de Caroline se apresenta como uma denúncia contra a invisibilidade construída socialmente que fixa a pobreza como inferioridade, bem como mostra uma cidadã que não foi atendida pelas políticas públicas.

4.2- Literatura e confronto com a realidade

Ao ler o livro Quarto do Despejo é possível verificar suas perspectivas enquanto moradora da favela, explorando a riqueza de uma obra que traz a visão da extrema pobreza por alguém que ainda vive nela. O livro nos proporciona um material riquíssimo, tanto ao considerarmos a vida pessoal da escritora, quanto ao considerarmos o que estava acontecendo no país no tempo em que a obra foi escrita. Esses aspectos colocam o livro em um patamar de extrema importância. A forma de escrever da escritora foi chamado de escrevivência.

“escrevivência consiste na escrita a partir das experiências que o autor obtém ao longo de sua vida. Tendo essa vivência como base, cada autor acaba por ter pontos de vistas diferentes sobre uma mesma situação ou fato” (EVARISTO, 2005. P.31).

A história de Carolina é mais uma história de retirante que saem do interior em busca de uma vida melhor na capital do progresso, a cidade de São Paulo. Infelizmente, como a maior parte dessa história, não tem um final feliz.

Quarto de Despejo é uma obra que faz um retrato das lutas diárias de mulheres e homens inseridos na miserabilidade social, esquecidos, deixados à margem do progresso que pairava no Brasil na década de 1960. Um “progresso” que trazia consigo a ideia de desenvolvimento, de riqueza, de modernidade e que, em verdade, buscava camuflar uma de suas facetas: o da exclusão, corporificado pelo surgimento e proliferação das favelas, e a intensificação da segregação social em guetos não mencionáveis no discurso oficial do governo da época.

Em outras palavras, o aspecto intimista é importante na medida em que a autora denuncia a realidade de forma mais intensa quando escreve para ela mesma, do que quando escreve para o leitor. Na literatura de Quarto de Despejo é o ambiente social, a favela, que marca a todo instante a produção. Contudo, como a obra é escrita em forma de diário, também está fortemente marcada pela esfera individual da autora, com os relatos de sua vida pessoal. É importante notar que este aspecto intimista da obra é uma espécie de ponte, onde a escrita de cunho individual é capaz de nos levar à realidade da favela. Em resumo o aspecto intimista é importante na medida em que a autora denuncia a realidade de forma mais intensa quando escreve para ela mesma, do que quando escreve para o leitor.

A fome é um problema que não atinge somente a escritora. Por isso, ela não fala somente por ela, mas fala por todos os favelados que passam pelas mesmas situações, apontando não só sua relação pessoal com a favela, mas também a relação da favela com o restante da sociedade. Este caráter ambíguo da produção destaca a importância deste aspecto individual que consegue atingir uma esfera maior, trazendo à tona toda uma problemática social. Por isso, a história da escritora é também a história de tantos outros favelados desconhecidos. As experiências descritas pela autora revelam o efeito discriminatório e excludente causado pelo

abandono social. Assim como Carolina, muitos brasileiros vivem em situação de extrema pobreza, formando grupos cada vez mais marginalizados, sofrendo com as mesmas mazelas que nos afligiam décadas atrás.

A autora, que empresta voz à personagem principal de Quarto de Despejo, é representante autêntica da mulher negra e pobre que busca um lugar ao sol na década de 1960. Tendo padecido todas as agruras que a pobreza pode acarretar a uma mulher que tem como missão criar sozinha três filhos. Ela desafiou as normas sociais, bem como as normas estéticas da época (Penteado. 2016).

Como dissemos, a discussão social permeia toda a obra de Carolina, que acreditava que as pessoas lessem o seu livro, com todo o realismo que ele apresenta, se conscientizaram da necessidade em se acabar com as favelas. Por isso, Carolina tenta muitas vezes desumanas, como ter que catar comida podre do lixo para comer e não morrer de fome. Na verdade, essa necessidade de acabar com a pobreza e a miséria em geral, era uma promessa do desenvolvimento do capitalismo no discurso daqueles anos 60, promessa que, como sabemos, nunca foi cumprida. Por isso, a esperança de Carolina para que o problema da favela fosse resolvido não podia ser outra: acabar com a favela, acabar com o quarto de despejo e ir para a sala de visita.

É com palavras de aço que a escritora descreve a favela, os políticos e o povo. Os políticos que só aparecem na época das eleições, são interesseiros, oportunistas e corruptos, além de assistencialistas. Ela se mostra bastante sensata em sua compreensão dos mecanismos sociais. Nesse sentido critica os governantes, o povo que não cobra, não reage e não se une, as religiões.

Ela tinha esperança que as pessoas que desconhecem a triste realidade vivida pelos favelados lessem o seu livro e tentassem acabar com as favelas, com a pobreza e a miséria de modo geral.

5- Considerações finais

Podemos observar que o livro Quarto do Despejo funciona como uma forma de expor os problemas sociais que foram ofuscados pelo entusiasmo do progresso e desenvolvimento da nação brasileira. É possível com isso um novo olhar para a história oficial e perceber que o sucesso da industrialização não estava presente em todas as camadas sociais, nos possibilitamos lembrar que em prol do progresso, enquanto sociedade, não devemos negligenciar a necessidade da população carente e proporcionar-lhes a mesma oportunidade de desenvolvimento.

A obra deu uma visão mais realista do que se passava no país na década de 50, principalmente o contraste que fica evidente entre a propaganda governamental e o olhar descritivo e detalhado da forma de vida da favela. Também foi de extrema importância para o entendimento da forma que a sociedade encarava a figura do marginalizado. Todo o preconceito e desprezo sofrido pelas pessoas do “ quarto de despejo”, sendo ignoradas pelos governantes durante seus mandatos, mais procurados e requisitados em época de eleição.Todavia, uma infeliz marca presença na atualidade no país.

Portanto, concluímos a grande importância dessa obra e autora, visto que permitiu um olhar de dentro da favela para fora com os relatos das mazelas vividas por essa camada da população e o confronto entre a propaganda da época e a condição de vida de uma grande parcela da população dos grandes centros urbanos e rurais deste país.

Bibliografia

CANCIAN, Renato. Governo Vargas (1951-1954): Suicídio de Getúlio pôs fim à Era Vargas. Pedagogia & Comunicação. 2006. Disponível em: Acesso em: 21 jun. 2018.

GIKAS, Alexandre I.; SAMPAIO, Julia C. G. A Situação dos Migrantes Brasileiros em "Quarto de Despejo" e seu Papel na Formação da População Paulista na Década de 1950. Trabalho apresentado às disciplinas de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESP/São Paulo (2016) Disponível em: < https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/julia_cristina.pdf> Acesso em: 28 jun. 2018.

GOMES, Angela de C. A trajetória política de João Goulart: No governo Getúlio Vargas > Trabalhadores, movimento sindical e greves. CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. (2017) Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NoGovernoGV/Trabalhadores_movimento_sindical_e_greves> Acesso em: 8 jul. 2018.

BOMENY, Helena. Educação e desenvolvimento: o debate nos anos 1950. CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. (2017) Disponível em: Acesso em: 8 jul. 2018.

JESUS, Carolina Maria de. Meu estranho diário. São Paulo: Editora Xamã, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de Despejo: O diário de uma favelada. São Paulo. 1993.

MAYER, Jorge M.; XAVIER, Libânia. Jânio Quadros, em Atlas histórico do Brasil. CPDOC/FGV (2016). Disponível em: < https://atlas.fgv.br/verbete/4387> Acesso em: 3 jul. 2018.

MEIHY, José C. S. B. Antologia pessoal: Carolina Maria de Jesus. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy; [revisão de] Arnaldo Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

MEIHY, José C. S. B.; LEVINE, Robert M. Cinderela negra: A Saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

RODRIGUES, Natália. Governo de Juscelino Kubitschek. Info Escola (2017) Disponível em Acesso em: 22 jun. 2018. SANTOS, Simone C. M. dos;

SILVA, Carlos F. R. da. Contradições em Carolina Maria de Jesus. 32f. Monografia em Literatura Brasileira, do Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Universidade de Brasília. (2013). Disponível em: Acesso em: 2 jul. 2018.

SILVA, Eliane da C. A Violência Social Brasileira na Obra de Carolina Maria de Jesus. 224f. Tese de Doutorado da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara (2016) Disponível em: < https://repositorio.unesp.br/ bitstream/handle/11449/150468/silva_ec_dr_arafcl.pdf?sequence=3>. Acesso em: 2 jul. 2018.

SILVA, José C. G. da. História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus. 28f. Estágio de pós-doutoramento na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2006-2007). Disponível em: < http://www2.unifesp.br/proex/novo/santoamar\o/docs/cultura_afro_brasileira/carolna_

maria_de_jesus_biografia.pdf> Acesso em: 27 jun. 2018. SHARPE, Jim. A História vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da História. Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.